

ABREU, Márcia. **Cultura letrada: literatura e leitura.** Coleção Paradidáticos. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

Em 2006, o público brasileiro foi agraciado com o lançamento da obra *Cultura letrada: literatura e cultura*, de Márcia Abreu.

Pesquisadora reconhecida nacional e internacionalmente, Márcia Abreu é professora do Departamento de Teoria Literária do IEL – UNICAMP e coordenadora do Projeto Práticas e leituras libertinas no mundo luso-brasileiro. Como publicação importante, destaca-se o livro *Histórias de Cordéis e Folhetos*, cuja temática traz à tona as discussões teóricas acerca da dicotomia entre a cultura popular e a cultura erudita.

O título faz parte da “Coleção Paradidáticos”, que a Editora UNESP vem publicando desde 2004, contemplando uma série de livros, apoiada em temas científicos e culturais, com o objetivo de motivar os leitores, principalmente as novas gerações, acerca de questões que circundam nossos espaços, tanto da vida social, quanto do âmbito da universidade.

Dentre estes temas destaca-se a “Série Cultura”, com os seguintes exemplares: *Culturas Juvenis: múltiplos olhares*, de Afrânio Mendes Catani e Renato de Sousa Porto Gilioli; *Indústria Cultural*, de Marco Antônio Guerra e Paula de Vicenzo Fidelis Belfort Mattos; *A persistência dos deuses: religião, cultura e natureza*, de Eduardo Rodrigues da Cruz.

A obra *Cultura letrada: literatura e cultura* aborda as relações entre litera-

tura, leitura e cultura e é constituída de seis breves capítulos que contem exemplos simples, mas fundamentais para as reflexões de cunho teórico, inseridas no campo de conhecimento da Teoria da Literatura.

Estamos habituados a conviver com práticas sociais imersas na cultura letrada, e por ela determinada, e raramente paramos para refletir sobre os mecanismos ideológicos que impregnam nossa forma de pensar, de agir e de construir o conhecimento. Portanto, a leitura do texto é um excelente ponto de partida para empreendermos um exercício de desconstrução de saberes já constituídos e muitas vezes naturalizados como verdades absolutas, principalmente no meio acadêmico.

Uma destas ‘cláusulas pétreas’ refere-se às estratégias e mecanismos da constituição dos cânones literários e aos espaços existentes que os legitimam socialmente. Levando-nos a pensar sobre esses espaços de legitimação, que definem o que deve ser classificado como literatura ou não, a autora pergunta: Quem formula estas listas? Baseadas em quais critérios pode-se dizer que esta obra é literária ou não? São perguntas simples, cujas respostas não foram formuladas de maneira simples. Em suas palavras, Márcia Abreu expõe que *as listas refletem a média dos gostos particulares de algumas pessoas e não um padrão estético universalmente aceito.*

Outro questionamento importante remete a um assunto caro para os estudos literários sobre a clássica pergunta ‘o que é literatura?’ Sabe-se que desde Aristóteles – primeiro filósofo a teorizar acerca da necessidade humana

de representar a realidade – este tem sido um tema recorrente para os estudiosos da linguagem literária, que rechaçam uma visão simplista para se definir categoricamente a literatura.

A dificuldade de se criar conceitos e definições padrões e modelares para explicar a literatura é reafirmada nas discussões que o livro apresenta, salientando o caráter do dinamismo histórico e do aspecto circunstancial e relativo da literatura. Em outras palavras: a definição de literatura não é algo objetivo e universal, mas sim cultural e histórico, como demonstra tão bem a autora na análise sobre as listas de melhores livros e/ou autores do século XX, retiradas dos veículos impressos de formação, em nível nacional.

Além disso, o livro também menciona, mesmo que de forma superficial, o papel da escola na formação do leitor e do conhecimento literário quando articula a relação entre os melhores livros e/ou autores de uma lista, e as recomendações e/ou sugestões geralmente feitas pelas escolas. Uma de suas argumentações expõe que *a escola ensina a ler e a gostar de literatura. Alguns aprendem e tornam-se leitores literários. Entretanto, o que quase todos aprendem é o que devem dizer sobre determinados livros e autores, independentemente de seu verdadeiro gosto pessoal*, ponto este importante porque considera a existência do leitor, com seu repertório cultural prévio e seu conhecimento de mundo.

Tal discussão desencadeia um segundo ponto de real importância presente no livro referente aos fatores indiretos que circundam o mundo da literatura. A autora corrobora com as

hipóteses teóricas da Sociologia da Leitura que compreende os estudos literários não apenas através da construção de sentidos imanentes do texto, mas também pelos mecanismos que, mesmo indiretos e externos, interferem na elaboração de um juízo crítico do texto literário.

A seleção de livros e os critérios que balizam a publicação; o mercado editorial; a influência do meio acadêmico e o suporte de veiculação de um texto são elementos a serem considerados numa análise mais global e abrangente da literatura. Assim, a autora demonstra que dependendo do suporte/veículo – revista, livro, jornal, periódico acadêmico – a ser publicado um texto, este pode, à priori, ser caracterizado ‘literário’, pelo leitor.

As discussões presentes no livro apontam para o fato de que a literatura não está imune às relações ideológicas e às articulações de poder que envolvem qualquer sistema social. Portanto, nas linhas finais do livro, Márcia Abreu conclui que *literatura não é apenas uma questão de gosto: é também uma questão política*.

Vale destacar a estrutura didática adotada pelos editores. Como parte do objetivo pedagógico da Série, o livro propicia uma leitura fluente e prazerosa na medida em que as reflexões teóricas são ilustradas com exemplos próximos das nossas vivências contextualizadas na cultura letrada.

Além disso, as páginas finais do livro trazem um Glossário; Sugestões de leitura e um roteiro de Questões para reflexão e debate. Orientações tão ao molde dos manuais didáticos de antigamente, mas importantes quando se

pensa num público cada vez menos familiarizado com o conhecimento literário e com a experiência de leitura estética, oportunizada pela literatura propicia.

Finalmente, cabe dizer que esta é uma leitura imprescindível para aqueles que desejam trabalhar com investiga-

ções científicas voltadas não apenas para o campo da Teoria Literária, mas também para a História da leitura e da Sociologia da leitura.

Elisa Cristina Lopes

Professora do Departamento de Letras da Universidade Federal de Viçosa